

# Violência Conjugal e Família de Origem: Uma Revisão Sistemática da Literatura de 2006 a 2011

**Aline Riboli Marasca**

*Faculdade de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil*

**Patrícia Manozzo Colossi<sup>1</sup>**

*Projeto de Atenção Ampliada à Saúde da Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
São Leopoldo, Brasil*

**Denise Falcke**

*Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil*

## Resumo

Estudos acerca da violência conjugal apontam possível associação entre a ocorrência do fenômeno e as experiências na família de origem. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional, no período de 2006 a 2011, no que tange à temática. A partir de um levantamento dos artigos indexados nas bases de dados *Academic Search Premier*, *ISI Web of Knowledge*, *MEDLINE*, *Lilacs* e *SciELO*, com a utilização dos descritores “‘*family of origin*’ or ‘*intergenerational transmission*’” and “‘*marital violence*’ or ‘*partner violence*’”, foi identificado um total de 120 artigos disponibilizados por apenas duas bases de dados. Para a análise, foram considerados todos artigos com textos completos, disponíveis no formato *online* e oriundos de revistas acadêmicas. Excluídas as repetições, totalizaram 62 artigos. Eles foram descritos de acordo com o ano de publicação, país, objetivo, delineamento metodológico, participantes, instrumentos e principais resultados. Os resultados apontam para preponderância de produção internacional, merecendo destaque os EUA (62,91%). No Brasil, foram identificadas apenas duas produções acadêmicas, evidenciando importante lacuna na literatura nacional. Constata-se ainda a predominância de trabalhos com enfoque quantitativo (84,1%) em detrimento da compreensão processual ou teórica. Muitos estudos identificam as experiências na família de origem como preditoras da violência conjugal, mas a escassez de produção científica que considere a conjugalidade violenta como um fenômeno complexo, determinado por múltiplos fatores, revela a necessidade de ampliação de pesquisas na área.

**Palavras-chave:** Violência conjugal, família de origem, transgeracionalidade.

## Marital Violence and Family of Origin: A Systematic Literature Review in the Period of 2006 Through 2011

### Abstract

Scientific literature about marital violence indicate possible association between this occurrence and family of origin experiences. In this manner, the article aims to conduct a systematic review of national and international literature in the period 2006 to 2011, when it comes to the issue of marital violence and previous family of origin experiences. It was conducted a survey of articles indexed in the databases *Academic Search Premier*, *ISI Web of Knowledge*, *MEDLINE*, *LILACS* and *SciELO*, using the

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) Centro de Ciências da Saúde, Av. Unisinos, 950 Sala 2A109, São Leopoldo, RS, Brasil CEP 93022-000. E-mail: [aline.marasca@gmail.com](mailto:aline.marasca@gmail.com), [pmcolossi@gmail.com](mailto:pmcolossi@gmail.com) e [dfalcke@yahoo.com](mailto:dfalcke@yahoo.com)

keywords “‘*family of origin*’ or ‘*intergenerational transmission*’” and “‘*marital violence*’ or ‘*partner violence*’”. There were identified a total of 120 articles available for only two databases. For the analysis, we considered all the full-text articles available in online format, that come from academic journals, classified according to the year of publication, country, theme and method. The texts are indexed in more than one database were considered only once, totaling 62 articles. They were described according to publication year, country, objectives, method, participants, measures and main results. The results point to the preponderance of international production, with emphasis on absolute the USA (62.91%). In Brazil, was identified only two, showing significant gap in the national literature. There is still a predominantly quantitative approach (84.1%) to prioritizing work results at the expense of procedural or theoretical understanding. Many studies identified that family of origin experiences might predict marital violence, but the shortage of scientific literature to consider marital violence as a complex phenomenon, determinate by different factors, reveals the need to expand research in the area.

**Keywords:** Couple partner violence, couple violence, marital violence, family of origin, intergenerational transmission.

## **Violencia Conjugal y Familia de Origen: Una Revisión Sistemática de la Literatura de 2006 Hasta 2011**

### **Resumen**

Los estudios sobre la violencia conjugal apuntan una posible asociación entre la ocurrencia del fenómeno y las experiencias en la familia de origen. Así, este artículo tiene como objetivo realizar una revisión sistemática de la literatura nacional e internacional, en el periodo de 2006 a 2011, sobre la temática de la violencia conjugal y las experiencias previas en la familia de origen. Desde un examen de los artículos indexados en las bases de datos *Academic Search Premier*, *ISI Web of Knowledge*, *MEDLINE*, *Lilacs* e *SciELO*, utilizando las palabras-clave “‘*family of origin*’ or ‘*intergenerational transmission*’” and “‘*marital violence*’ or ‘*partner violence*’”, fue identificado el total de 120 artículos procedentes de solo dos bases de datos. Para el análisis, fueron considerados todos los artículos con textos completos, disponibles en formato online y oriundos de periódicos académicos. Excluidas las repeticiones, totalizaron 62 artículos. Ellos fueron descritos de acuerdo con el año de publicación, el país, el método, los participantes, los instrumentos y principales resultados. Los resultados apuntan para la superioridad de la producción internacional, con destaque para los Estados Unidos (62,91%). En Brasil, fueron identificadas solo dos producciones académicas, evidenciando un vacío en la literatura nacional. Es posible constatar aún el destaque de los trabajos con enfoque cuantitativo (84,1%), más que de los de comprensión procesal o teórica. Muchos estudios identifican que las experiencias en la familia de origen pueden predecir la violencia conjugal, pero la escasez de la producción científica que considera la conjugalidad violenta como fenómeno complejo, determinado por múltiples factores, revela la necesidad de ampliar las investigaciones en la área de conocimiento.

**Palabras clave:** Violencia conjugal, familia de origen, transgeneracionalidad.

A violência conjugal destaca-se como fenômeno de grande relevância em diferentes áreas psicoterapêuticas e nas diferentes instâncias do poder judiciário, policial e serviços de assistência social. Esta condição deve-se, em especial, à necessidade de articulação que o fenômeno impõe, exigindo aproximação interventiva de distintas áreas do conhecimento a fim de prevenir e tratar

os envolvidos nestes contextos. Diferentes profissionais da saúde mental são acionados a fim de tratar os efeitos causados pelo contexto familiar violento, minimizando assim, a herança de dor e sofrimento de todos os envolvidos. Entretanto, pesquisas revelam que o fenômeno é perpetuado de geração em geração como uma situação naturalizada no seio da família (Black, Sussman, &

Unger, 2010; Conradi, Geffner, Hamberger, & Lawson, 2009; Gover, Park, Tomsich, & Jennings, 2011; Jin, Eagle, & Yoshioka, 2007; Kerley, Xu, Sirisunyaluck, & Alley, 2010; Wareham, Boots, & Chavez, 2009).

Os estudos com objetivo de identificar a prevalência da violência conjugal geralmente utilizam como fonte de dados os casos denunciados, especialmente, de violência contra a mulher, pois são os que se encontram disponíveis nos serviços existentes, sendo difícil estimar sua real frequência e ocorrência, uma vez que muitos nem chegam a ser denunciados (Zanoti-Jeronymo et al., 2009). Os resultados revelam que, ao redor do mundo, entre 22% e 49,5% das mulheres reporta alguma experiência de abuso vivida por parte de seus companheiros afetivos (Ansara & Hindin, 2009; Fehringer & Hindin, 2009; Janko, 2010; Stenson & Heimer, 2008; Yoshihima & Horrocks, 2010). No Brasil, dados epidemiológicos estimam que entre 26% e 34,5% das mulheres sofrem violência física ou sexual por parte de seus companheiros (Bruschi, Paula, & Bordin, 2006; Lamoglia & Minayo, 2009; Miranda, Paula, & Bordin, 2010; Vieira, Perdona, & Santos, 2011).

Ainda que outros aspectos possam contribuir para a transmissão transgeracional da violência, psicoterapeutas de diferentes abordagens teóricas identificam e buscam tratar crianças inseridas em contextos de violência conjugal que podem sofrer as consequências deste modelo relacional, com a chance de levarem, para seus relacionamentos futuros, a tendência de repetição dos padrões vivenciados na família de origem, perpetuando, em alguma medida, padrões relacionais violentos. Com isso, ratifica-se a importância do papel da família nos padrões de comportamento aprendidos e perpetuados através das gerações (Falcke, 2006; Mendlowicz & Figueira, 2007; Paradis et al., 2009).

O estudo canadense de Godbout, Dutton, Lussier e Sabourin (2009), realizado através de uma coleta de dados com 644 adultos casados ou coabitando com os parceiros, recrutados aleatoriamente através de contato telefônico, utilizou medidas sobre o relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflitos do casal, além de questões referentes à exposição à violência na in-

fância. Os resultados apontaram o envolvimento em contextos de violência familiar, como vítima ou como testemunha, incidindo diretamente na possibilidade de estabelecimento de uma relação conjugal violenta na vida adulta. Na mesma direção, o estudo conduzido por Anacona (2008), na Colômbia, apresenta uma revisão da literatura que indica conclusões semelhantes. No referido estudo, é abordada a violência nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos, referente à prevalência, aos fatores de risco e às dificuldades associadas a esse tipo de comportamento violento. A partir da análise dos estudos, foram identificados os fatores que poderiam favorecer esses atos de violência, incluindo, como principal resultado, as experiências prévias de vitimização dentro e fora da família de origem, assim como a aceitação da violência no casal e na relação com os pares. Neste sentido, identifica-se a família de origem como referência e modelo de aprendizagem no que diz respeito à transmissão intergeracional da violência conjugal.

O estudo de Milletich, Kelley, Doane e Pearson (2010), identificou a associação entre experiências de violência interparental na infância e o envolvimento em uma relação conjugal violenta na vida adulta, ressaltando a importância da família de origem na transmissão transgeracional da violência conjugal, seja como parte do aprendizado de relações íntimas seja pelo processo de naturalização do fenômeno. Em uma mesma direção investigativa, Renner e Slack (2006) conduziram um estudo longitudinal com 1153 mulheres durante cinco anos buscando investigar aspectos semelhantes, tendo chegado a resultados convergentes. Pournaghash-Tehrani e Feizabadi, (2009) buscaram investigar 50 casais quanto à capacidade preditiva de experiências adversas na infância sobre tipos específicos de violência física e psicológica nas relações conjugais na vida adulta. Os resultados revelaram que testemunhar violência doméstica na infância pode prever diferentes tipos de violência física e psicológica. Considerando os achados apontados pela literatura, dar atenção científica, através de estudos concernentes à temática, e atenção terapêutica, através de intervenções com casais e famílias, significa explorar o potencial restaurador das relações com vista ao rompimento do ciclo

de violência conjugal através das gerações. Independente das consequências sofridas, indivíduos que participam de contextos familiares violentos, seja como vítima ou mesmo como testemunha de relação interparental violenta, apresentam maior propensão ao envolvimento em situações de violência na vida cotidiana, em seus relacionamentos íntimos ou mesmo em relações sociais (Milner et al., 2010; Noll, Trickett, Harris, & Putman, 2009; Rodriguez, Mendoza, Durand-Smith, Bermúdez, & Hernández, 2006; Weisbart et al., 2008). Contudo, é importante considerar que, muitas pessoas, mesmo advindas de contextos familiares vulneráveis e tendo sido expostas, direta ou indiretamente, a altos níveis de violência mostram-se resilientes e não repetem os comportamentos aprendidos. Nesse sentido, verifica-se que, embora exista correlação entre experiências vivenciadas na infância e relações futuras, não se pode partir de um caráter determinista (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2008).

Na compreensão do tema, as abordagens sistêmica e ecológica consideram além dos aspectos individuais e relacionais, os contextos sociais e comunitários, que podem influenciar na ocorrência do fenômeno. Partindo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Carvalho-Barreto, Bucher-Maluschke, Almeida e DeSouza (2009) trazem dados da literatura transcultural, em nível contextual, referindo que a violência conjugal deve ser analisada a partir de quatro fatores: pessoal (características biológicas e psicológicas individuais); processual (interações interpessoais); contextual (rede de apoio social e cultura); e temporal (aspectos inter, intra e transgeracionais).

Considerando a temática da violência conjugal e sua relação com a família de origem, foi realizada uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional entre os anos de 2006 a 2011, a fim de mapear as publicações existentes, ampliando com isso, o conhecimento científico acerca do tema.

### Método

Inicialmente, foi realizada uma busca por artigos indexados nas bases de dados *Academic Search Premier*, *Lilacs*, *ISI Web of Knowledge*,

*MEDLINE with Full Text* e *SciELO*, a fim de verificar a incidência de publicações com os descritores “‘*family of origin*’ or ‘*intergenerational transmission*’” and “‘*marital violence*’ or ‘*partner violence*’”. Foi identificado um total de 120 artigos, a partir dos quais foram selecionados apenas os artigos científicos, com textos completos, publicados entre os anos de 2006 e 2011, no formato *online*. Identificaram-se artigos nos idiomas português, inglês e/ou espanhol. Em seguida, foram excluídos os artigos apresentados em mais de uma base de dados. Com isso, obteve-se um total de 62 publicações analisadas. Os artigos foram classificados conforme ano de publicação, país de realização do estudo, objetivos, delineamento metodológico, participantes, instrumentos e principais resultados encontrados.

Os estudos selecionados obedeceram ao critério da adequação ao tema da violência conjugal e família de origem, tendo sido considerados todas as investigações realizadas com homens, mulheres e/ou casais, independente da faixa etária, incluindo as diferentes expressões da violência no relacionamento íntimo. Para fins de controle de qualidade e garantia de maior isenção na avaliação dos artigos, a análise dos estudos selecionados foi realizada por dois revisores. As discrepâncias entre os revisores foram submetidas à análise de um terceiro avaliador.

### Resultados

A partir das bases de dados, verificou-se a inexistência de publicações em: *SciELO*, *Lilacs* e *Medline*, o que expressa a carência de pesquisas nessa temática. As bases *Academic Search Premier* e *ISI Web of Knowledge* disponibilizaram 34 e 76 artigos respectivamente e, a partir da exclusão dos repetidos, foram analisados 62 artigos.

Considerando as publicações conforme país de estudo, verificou-se o predomínio de estudos norte americanos, destacando-se com 39 artigos (62,91%). Os demais países foram distribuídos nos cinco continentes e apresentaram escasso número de publicações acerca da temática. Foram identificados três estudos provenientes da Austrália (4,84%). Os países Brasil, Canadá e Noruega possuíam duas publicações cada, totalizando 9,68%, ao passo que Filipinas, Índia,

México, Irã, Japão, Quênia, Rússia, Suécia, Tailândia, Coréia do Sul, Israel, Inglaterra, Espanha e Nova Zelândia apresentaram apenas um estudo durante o intervalo de tempo pesquisado, representando 1,61% cada. Dentre os artigos analisados, não foi identificado estudo transcultural ou multicêntrico.

Considerando o método utilizado, constatou-se a preponderância dos delineamentos quantitativos (84,12%), em detrimento de estu-

dos qualitativos (4,8%) e teóricos (11,1%). As pesquisas de método misto, em que processo e resultado são complementares, foram inexistentes nas bases de dados pesquisadas. Os anos de 2009 e 2010 foram os com maior número de publicações, tendo 17 e 16 estudos publicados respectivamente em cada ano. Na Tabela 1, os artigos estão descritos conforme autor, ano, país, objetivo, delineamento metodológico, participantes, instrumentos e principais resultados.

**Tabela 1**  
**Descrição dos Estudos Realizados**

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
1 Yoshihma & Horrocks	2010	Japão	Investigar a prevalência da violência sexual na infância e violência conjugal	Descritivo e Explicativo	1371 mulheres	- Questões fechadas sobre experiência de violência conjugal (física e sexual), abuso sexual na infância, exposição à violência interpaparental, iniciação sexual e dados sociodemográficos	A prevalência de violência conjugal física foi de 17,70% e 8,49% para sexual. Abuso sexual na infância por conhecidos, exposição à violência conjugal contra a mãe e iniciação sexual precoce contribuíram para elevar a probabilidade de experimentar violência conjugal na vida adulta.
2 Jaoko	2010	Quênia	Investigar a prevalência da violência contra a mulher no casamento	Descritivo e Explicativo	208 mulheres	- <i>Partner Abuse Scale (Physical-PASP)</i> - <i>Partner Abuse Scale (Non-Physical - PAS-NP)</i>	Prevalência de violência em 49,5% das mulheres (45,7% para física, 39,4% para emocional e 12,9% para sexual). Histórico de violência na família de origem do marido e abuso de substâncias dele mostram-se preditores da violência.
3 Fehringer & Hindin	2009	Filipinas	Investigar a prevalência de violência conjugal e sua relação com o testemunho de violência interpaparental	Descritivo e Explicativo	472 jovens adultos, casados ou co-habitando com os parceiros	- Questões sobre violência conjugal baseadas no CTS, cuidados recebidos na infância e características individuais	Prevalência de 55,8% de perpetração da violência em mulheres e 25,1% em homens; prevalência de 27,7% da vitimização para mulheres e 30,5% para homens; 45% das mulheres e 50% dos homens testemunharam a violência física entre os pais, o que foi preditor de violência na vida adulta
4 Halford, Farrugia, Lizzio, & Wilson	2010	Austrália	Investigar a violência conjugal em casais recém-casados.	Descritivo	379 casais recém-casados	- DAS (satisfação conjugal); SR (auto-regulação no relacionamento); CTS (versão reduzida); PCTS (versão reduzida - exposição à violência interpaparental)	22% dos casais referiram episódios de violência conjugal no último ano. A violência da mulher contra o homem mostrou-se tão comum quanto a violência do homem contra a mulher. Baixa auto-regulação esteve associada à violência.
5 C. J. Fergusson	2011	Estados Unidos	Investigar os fatores de risco, a incidência da violência e as disparidades de gênero em casais jovens mexicano-americanos.	Descritivo e Explicativo	151 adultos jovens	- CTS-2; - Questionário de hábitos de mídia; - <i>Family Conflicts Scale</i> ; - <i>Agression Questionary Short-Form</i> ; - Traços de agressividade (NEO-FFI)	Prevalência de 32 a 38% de violência. Homens e mulheres apresentaram índices semelhantes de violência doméstica. Vivência de abuso físico na infância foi o fator de risco mais importante à eclosão da violência na idade adulta para homens, enquanto que, para as mulheres, foi o testemunho da violência familiar na família de origem.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delimitação	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
6 Zanoti-Jeronymo et al.	2009	Brasil	Investigar a prevalência do abuso físico e a exposição à violência na infância em relação às variáveis socio-demográficas.	Correlacional	3007 homens e mulheres, maiores de 14 anos	- itens sobre abuso físico na infância, exposição à violência parental na infância e variáveis sociodemográficas, do questionário HABLAS, desenvolvido para investigar padrões de consumo de álcool em hispano-americanos	A prevalência de abuso físico na infância foi de 44,1%, e de exposição à violência parental foi de 26,1%. Observou-se que é mais provável que os sujeitos expostos à violência parental na infância também tenham vivenciado abuso físico. Relações entre características sociodemográficas e violência na infância variaram conforme o tipo de violência sofrida.
7 Kernsmith	2006	Estados Unidos	Investigar experiências prévias de violência em homens e mulheres, agressores conjugais.	Comparativo	60 homens e 54 mulheres, usuários de um serviço para agressores	- questões fechadas sobre experiências de violência na família de origem ou por outras pessoas; <i>Psychological Maltreatment of Women Scale</i> e CTS, com versões modificadas (vitimização no relacionamento atual); questões fechadas sobre características da violência no relacionamento conjugal	Apenas 3% dos participantes não foram expostos à violência prévia. Homens e mulheres reportaram níveis similares de violência na infância, com exceção do abuso sexual. A experiência de abuso sexual esteve relacionada a sentimentos de impotência, medo e fraqueza em relação ao parceiro. Homens que experienciaram violência sexual reportaram mais condutas de medo em relação ao parceiro que mulheres que reportaram níveis similares de abuso.
8 D. M. Fergusson, Boden, & Horwood,	2006	Nova Zelândia	Examinar a exposição à violência interparental na infância como preditora de violência conjugal e envolvimento com crimes violentos, depois do controle de variáveis de risco.	Longitudinal	Entre 800 e 1000 participantes – O número da amostra varia em função dos diferentes períodos em que foi feita a coleta	- CTS (violência na relação dos pais e do casal); SRDI (delinquência); PBI (afeto e superproteção dos pais); questões fechadas sobre fatores socioeconômicos, alcoolismo e histórico criminal dos pais, abuso físico e sexual na infância e questionário sobre problemas de atenção e conduta (pais e professores)	Depois do controle das variáveis de risco, não houve relevância estatística na associação entre a exposição à violência interparental na infância e o risco de perpetração ou vitimização por violência conjugal e envolvimento com crimes violentos. Os resultados enfatizam a importância do contexto psicossocial nesta associação.
9 Boyle, O'Leary, Rosenbaum, & Hasset-Walker	2008	Estados Unidos	Examinar o comportamento anti-social, família de origem e comportamento impulsivo e desinibido de homens em tratamento por violência contra a parceira.	Comparativo	73 homens em tratamento psicológico por perpetração de violência contra parceira, em 2 grupos: geralmente violentos e com um único episódio de violência	- CTS; GVTS (comportamento violento com outras pessoas além da parceira); LHA (comportamentos agressivos e antissociais); AFVQ (vitimização e exposição de violência na família de origem); CDDS (problemas de conduta e delinquência); BIS 11 (impulsividade); SNAP (desinibição)	Os participantes do grupo com comportamentos geralmente violentos apresentaram mais condutas delinquentes, comportamentos antissociais no decorrer da vida e violência na família de origem. Os mesmos reportaram também maior violência psicológica contra as parceiras, porém, surpreendentemente, não diferiram nos relatos de violência física, em relação ao grupo de homens violentos apenas no relacionamento íntimo.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
10 Fang & Corso	2007	Estados Unidos	Examinar as relações entre maus-tratos infantis, violência na adolescência e violência conjugal.	Longitudinal	9368 participantes	- questões fechadas sobre violência no relacionamento; violência na adolescência; vivência de negligência, violência física e sexual na infância	Vítimas de maus-tratos infantis eram mais propensas a perpetrar violência na adolescência e conjugal. Negligência e abuso físico estiveram associados à violência na adolescência. O comportamento antissocial foi mediador para a violência conjugal. A vivência de abuso sexual foi forte preditor para perpetração da violência conjugal em homens.
11 Fang & Corso	2008	Estados Unidos	Investigar as diferenças entre homens e mulheres na relação de maus-tratos infantis e violência conjugal na vida adulta.	Comparativo	9352 participantes	- perguntas fechadas sobre atos violentos contra o parceiro; atos violentos na adolescência; vivência de negligência, violência física e sexual na infância - questões sociodemográficas	Negligência e abuso físico foram fortes preditores de violência conjugal mais para mulheres do que para homens, enquanto estes tipos de violência foram preditores para comportamentos violentos na adolescência mais em homens que em mulheres. O abuso sexual foi um preditor significativo para violência conjugal para homens.
12 Wang, Horne, Holdford, & Henning	2008	Estados Unidos	Determinar o papel da família de origem na violência por parceiro íntimo.	Explicativo	492 homens do Centro de Avaliação de Violência Doméstica via tribunal	- Questionários - Entrevistas com conselheiros do Centro de Avaliação de Violência Doméstica.	A violência bi-direcional na família de origem foi o achado mais significativo para a perpetuação da violência.
13 Gover, Kaukinen, & Fox	2008	Estados Unidos	Examinar a relação entre violência durante o namoro e exposição à violência na família de origem, considerando as diferenças de gênero.	Explicativo	2500 universitários	- 167 perguntas sobre temas: violência na família de origem, atitudes em relação às mulheres, comportamentos na relação de namoro e fatores de risco e proteção para perpetração e vitimização.	Os resultados mostram que a exposição à violência na infância consiste em um grande preditor para o envolvimento em relacionamentos violentos tanto para homens quanto para mulheres.
14 Weisbart et al.	2008	Estados Unidos	Examinar a saúde física e mental e níveis de suporte social em mulheres vítimas e não-vítimas de violência.	Comparativo	890 mulheres	- VICA (histórico de vitimização) - CES-D (depressão) - Duke-UNC <i>Functional Social Support Questionnaire</i> (suporte social) - <i>Caregiver Physical Health Assessment</i> (saúde física)	Mulheres vítimas de violência reportaram maiores níveis de depressão, menor suporte social e saúde física pobre, em comparação com mulheres não-vítimas. Mulheres com histórico de vitimização tanto na infância quanto na vida adulta tiveram piores níveis de depressão e saúde física.
15 Pournaghash-Tehrani, & Feizabadi	2009	Irã	Investigar a relação entre experiências adversas na infância e a ocorrência de tipos específicos de violência física e psicológica no relacionamento	Explicativo	50 casais divorciados em decorrência de violência conjugal	- questionário elaborado pelo autor com questões sobre o relacionamento conjugal, tipos de violência física e psicológica experienciados, exposição à violência interparental, dados demográficos	Exposição à violência interparental na infância foi preditor da ocorrência de violência no relacionamento conjugal, especialmente do tipo "batida" (física) e "blasfêmia" (psicológica). A vitimização por violência doméstica foi preditora de estrangulamento e blasfêmia.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
16 Wareham et al.	2009	Estados Unidos	Examinar os efeitos da aprendizagem social na transmissão da violência na infância em homens perpetradores da violência doméstica.	Expli-cativo	204 homens agressores em relacionamentos íntimos, sentenciados a participar de programas de intervenção	- itens de violência física maior e menor do CTS - questões sobre experiência e testemunho de violência na família de origem e aprendizagem social	Resultados revelaram que a transmissão da violência por modelo familiar, associada à aprendizagem social, forneceram mecanismos distintos para o estabelecimento de contexto conjugal violento.
17 Godbout et al.	2009	Canadá	Examinar os efeitos de experiências de violência na infância na violência doméstica atual e no ajustamento marital.	Expli-cativo	644 adultos, casados ou cohabitando com os parceiros	- questões fechadas sobre experiências de violência na família de origem - ECR (apego) - CTS2 - DAS-9 (ajustamento do casal)	Experiências de violência na infância afetaram a ocorrência de violência no relacionamento, mediadas direta e indiretamente por fatores de ansiedade frente ao abandono e evitação de intimidade. Houve impacto dessas experiências nas representações de apego, violência e ajustamento conjugal
18 Milner et al.	2010	Estados Unidos	Examinar a mediação de sintomas traumáticos na relação entre histórico de abuso físico na infância e risco de cometimento de abuso na vida adulta.	Expli-cativo	5394 homens e mulheres recrutas da marinha americana e 716 estudantes universitários	- CAP <i>Inventory</i> (risco de cometer abuso contra a criança) - CTS-PC (conflitos pais-filhos) - questões sobre histórico de abuso sexual na infância e exposição à violência conjugal - TSI (sintomas traumáticos)	Observou-se forte associação entre histórico de abuso físico infantil e risco de cometimento deste abuso. Esta relação foi mais significativa em indivíduos com maior atitude de evitação defensiva. A associação foi mediada por sintomas traumáticos em homens e mulheres, tanto nos recrutas quanto na amostra de universitários.
19 Kerley et al.	2010	Tailândia	Investigar a relação entre experiências de violência na infância e a vitimização ou perpetração da violência conjugal na vida adulta.	Expli-cativo	816 mulheres casadas	- CTS-2 (medidas de vitimização e perpetração da violência conjugal) - questões fechadas sobre exposição e vitimização por violência na família de origem - IBWB (crenças de agressão contra a esposa – variável de controle)	Foram apontados efeitos significativos da exposição à violência na família de origem na predição à perpetração da violência física e psicológica no relacionamento conjugal. Porém, estes efeitos são indiretos, mediados pela vitimização por parceiro íntimo. Os autores discutem que questões culturais e exposição à violência na família de origem podem colocar a mulher em posição de vulnerabilidade
20 Conradi et al.	2009	Estados Unidos	Identificar fatores associados à ocorrência de violência conjugal perpetrada por mulheres.	Explo-ratório	10 mulheres agressoras em seus relacionamentos íntimos, sentenciadas a participar de tratamentos para violência doméstica	- questionário, com as seguintes escalas: BSRI (papel de gênero), DAPS (Estresse Pós-Traumático), DAST (abuso de drogas), MAST (alcooolismo) - entrevista semi-estruturada sobre experiências de abuso; histórico de comportamentos violentos dentro ou fora de relacionamentos íntimos; descrição do incidente que levou à denúncia; histórico de abuso de álcool e drogas; histórico criminal; percepção sobre o motivo do uso de violência.	Foram identificados sete temas principais, a partir dos dados coletados: histórico de vitimização (abuso físico por cuidador, exposição à violência doméstica, vitimização por violência conjugal no último relacionamento, sintomas traumáticos), papéis de gênero (identificação com característica do papel de gênero masculino), abuso de substâncias (histórico pessoal de abuso de substâncias e na família de origem, intoxicação no período da denúncia, alcoolismo e uso de drogas), abuso emocional cometido pelo parceiro, percepção de dominação no relacionamento, histórico de comportamento violento em diferentes situações, identificar-se como tendo uma personalidade agressiva.



Estudo	Ano	País	Objetivos	Delimitação	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
21 Askeland, Evang, & Heir	2011	Noruega	Examinar a associação entre vitimização na infância e adolescência e o envolvimento em contexto conjugal violento.	Explorativo	480 homens envolvidos em contextos conjugais violentos e em terapia	- <i>Violence Questionnaire</i> (comportamento violento e experiências de violência na infância e adolescência)	60% tiveram experiências de violência na família de origem. Foi observada relação entre exposição à violência e abuso na família de origem e a violência contra a parceira. O abuso físico prévio foi preditor de perpetração de violência psicológica e o abuso sexual de perpetração de violência sexual
22 Buchbinder & Goldblatt	2011	Israel	Analisar a relação do “desencanto da conjugalidade” entre mulheres vítimas de violência e suas experiências de abuso	Exploratório	20 mulheres israelenses vítimas de violência doméstica em suas relações conjugais	Entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com duração entre 2 e 4 horas.	Todas sofreram abuso físico e emocional e duas abuso sexual. Observou-se uma tentativa de superar a dor da violência na infância através da construção de uma visão de relacionamento imbuída de poder, esperança e liberdade. A vivência de violência conjugal destruiu essa visão, levando a sentimentos de desilusão e desencanto com os seus relacionamentos.
23 Murrell, Christoff, & Henning	2007	Estados Unidos	Investigar a relação entre exposição à violência na infância e características do adulto perpetrador de violência doméstica.	Explorativo	1099 homens adultos, perpetradores de violência doméstica	- relatórios policiais (comportamento criminal); CAP (tendência a cometer abuso físico infantil); CTS; MCMI-III (psicopatologia)	Homens que foram vítimas de abuso apresentaram maior tendência a cometer abuso físico infantil. A maior frequência e severidade de violência doméstica, assim como níveis mais altos de psicopatologia e comportamentos violentos, estiveram associados a maior exposição à violência na infância.
24 Jin et al.	2007	Estados Unidos	Investigar exposição precoce à violência na família de origem e atitudes positivas para a violência no casamento com a perpetração de violência conjugal.	Explorativo	166 imigrantes chineses, agressores e não-agressores conjugais	- CTQ (violência na infância) e CTS - <i>The Inventory of Beliefs about Wife Beating</i> - IMS (satisfação conjugal) - BDI-Short (depressão) - VIA (aculturação) - dados sociodemográficos	Exposição à violência na infância esteve correlacionada à violência conjugal no grupo de agressores e à depressão no grupo controle. Atitudes de aceitação relativas à agressão conjugal esteve correlacionada à violência conjugal e diferenciou o grupo de agressores e não-agressores. Esta variável parcialmente mediou o efeito da violência na infância na violência no relacionamento íntimo.
25 Koenig, Stephenson, Ahmed, Jejeebhoy, & Campbell	2006	Índia	Examinar a influência dos fatores individuais e comunitários na violência doméstica.	Correlacional	4520 homens casados	- questões sobre violência contra a esposa; fatores individuais (educação, moradia, área de residência, tempo de casamento, filhos, relações extra-conjugais, exposição à violência) e comunitários (eletricidade, educação feminina, normas de gênero, índice assassinatos)	A ocorrência de violência conjugal, do tipo física e sexual, esteve associada às variáveis individuais: ausência de filhos, pressões econômicas, transmissão intergeracional da violência. O fenômeno também esteve associado a um ambiente comunitário violento. A violência física esteve relacionada à aceitação da violência contra a mulher.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delinea- mento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
26 Fite et al.	2008	Estados Unidos	Investigar o modelo de processamento de informação social como mediador da associação entre violência interparental e agressão conjugal	Longitudinal	498 jovens adultos	- CTS (violência interparental e violência na relação amorosa) - questões abertas e fechadas, bem como vinhetas, sobre interações sociais com pares ou adultos (construtos do processamento de informação social)	Os resultados apontaram que a habilidade de gerar respostas sociais variáveis e avaliar efetivamente o potencial resultado de suas respostas, pelo menos parcialmente, mediaram a relação entre transmissão intergeracional e violência no relacionamento amoroso.
27 Kim, Jackson, Hunter, & Conrad	2009	Estados Unidos	Examinar o papel mediador das percepções de culpa e medo do adolescente sobre o conflito interparental, na sua relação com a violência no namoro.	Expli- cativo	169 estudantes do ensino médio	- CPIC (percepção do filho sobre conflito interparental) - CADRI (violência na relação de namoro)	Adolescentes expostos a níveis altos de conflito interparental não apresentaram maior violência no namoro que aqueles expostos a níveis mais baixos. Sentimento de culpa pelo conflito interparental esteve relacionado a comportamentos violentos no namoro. Sentimento de medo pelo conflito conjugal foi uma variável mediadora na relação entre conflito interparental e violência sexual no namoro.
28 Milletich et al.	2010	Estados Unidos	Examinar associações entre exposição à violência interparental e sofrida na infância com a violência física conjugal	Expli- cativo	703 estudantes universitários	- CTS2 (violência interparental e violência na relação atual) - EASE-PI (exposição à violência na infância) - dados demográficos	A exposição à violência interparental e a vivência de abuso na infância parecem estar associados à violência nos relacionamentos amorosos dos estudantes. Alguns aspectos da agressão no namoro tiveram relação com o gênero do agressor e do participante.
29 Clarey, Hokoda, & Ulloa	2010	México	Examinar o namoro de adolescentes quanto à exposição à violência interparental, expressão de raiva, crenças sobre a violência e ocorrência	Expli- cativo	204 adolescentes, estudantes do ensino médio	- CADRI (violência no namoro); Escala de expressão de raiva; <i>Acceptance of Couple Violence</i> (aceitação da violência); Escala de exposição ao conflito interparental	O manejo da raiva e as crenças relativas à aceitação da violência conjugal foram mediadores da relação entre exposição ao conflito interparental e a perpetração da violência no namoro.
30 Black et al.	2010	Estados Unidos	Examinar o impacto da exposição à violência interparental no relacionamento amoroso de jovens adultos.	Expli- cativo	223 universitários	- CTS2 (violência na relação atual e no interparental) - questionário sociodemográfico	Observaram-se índices elevados de violência psicológica (70%) e física (27%) nas relações amorosas. Associação significativa entre os mesmos tipos de violência interparental testemunhados e a forma de ocorrência da violência na relação atual.
31 Gómez	2011	Estados Unidos	Avaliar impacto de abuso infantil e violência em namoro na adolescência na violência conjugal	Longi- tudinal	4191 jovens adultos	- CTS - questões fechadas sobre abuso infantil - dados sociodemográficos	O abuso na infância e a violência no namoro na adolescência foram preditores significativos de violência conjugal, tanto na posição de vítima como na de agressor, em homens e mulheres.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
32 Casanueva et al.	2010	Estados Unidos	Examinar a percepção materna sobre o temperamento da criança.	Expli-cativo	1001 mães biológicas de crianças de até 23 meses, investigadas por maus-tratos infantis.	- questões sociodemográficas; <i>Child Health Questionnaire</i> (saúde do filho) e <i>Rothbart's Infant Behavior Questionnaire</i> (temperamento do filho); CIDI-SF (depressão materna); CTS e L-MCS (maus-tratos); questões sobre os maus-tratos (assistentes-sociais)	Variáveis associadas à dificuldade materna de percepção do temperamento da criança foram: a vitimização física por um parceiro íntimo e história de abuso e negligência na infância.
33 Alexander	2009	Estados Unidos	Comparar o histórico de trauma infantil, características da família de origem, regulação de afeto e características de apego em mulheres vítimas de violência conjugal.	Compa-rativo	93 mulheres, usuárias de serviços para vítimas de violência conjugal	- CTS2 - DES (regulação de afeto) - AAI (apego) - questões fechadas sobre a vivência de traumas na infância e na vida adulta	Apontou-se um número significativo de experiências de abuso sexual, testemunho de violência e de assunção de papéis parentais na infância. O afeto desregulado diferiu entre os grupos de mulheres que tiveram múltiplas experiências de abuso na vida adulta e as que não tiveram. Mulheres que eram mal resolvidas no seu apego tiveram maior probabilidade de viver múltiplas vitimizações na vida adulta.
34 Alexander	2011	Estados Unidos	Examinar os efeitos de maus-tratos infantis e violência conjugal na vida laboral de mulheres.	Expli-cativo	135 mulheres em situação de abrigo e desabrigadas, com histórico de abuso e/ou desempregadas	- perguntas sobre vitimização e exposição à violência familiar e CTS2; AUDIT (uso de álcool); BCESD (sintomas depressivos); PTSD Checklist (Transtorno de Estresse Pós-Traumático); PHQ (sintomas somáticos); W/SAS (interferência do parceiro na vida laboral)	Abuso físico cometido pelo pai e vivência de abuso sexual infantil foram grandes preditores de violência conjugal e interferência do parceiro na vida laboral da mulher. Os efeitos dos maus-tratos na infância na saúde física e mental, sintomas de depressão, TEPT e abuso de álcool também foram altamente significativos.
35 Gover et al.	2011	Coréia do Sul	Examinar associação entre maus-tratos na infância e violência em relacionamentos amorosos	Expli-cativo	1399 estudantes universitários	- CTS - questões fechadas sobre exposição à violência e vitimização na infância	A ocorrência de maus-tratos na infância foi forte preditor para o envolvimento em relações amorosas violentas tanto para homens quanto para mulheres.
36 Cort, Toth, Cerulli, & Rogosh	2011	Estados Unidos	Examinar a transmissão de maus-tratos infantis considerando depressão materna e perpetração da violência conjugal	Expli-cativo	104 mães de crianças entre 10 e 12 anos	- <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (maus-tratos na infância) - <i>Adult Attachment Scale</i> (apego) - BDI (depressão) - <i>Maltreatment Classification System</i>	Resultados revelaram que os maus-tratos infantis estão relacionados à transmissão familiar, depressão materna e violência por parceiro íntimo, inovando quanto a incluir a perpetração de violência pelo parceiro como fator que contribui para o estabelecimento desta realidade.
37 Roberts, McLaughlin, Conron, & Koenen	2011	Estados Unidos	Investigar a interação entre estressores na vida adulta e vivências adversas na infância no risco de perpetração de violência conjugal.	Correla-cional	34653 adultos	- CTS2; perguntas fechadas sobre violência e vivências traumáticas na infância e adolescência; disfuncionalidades na família de origem; entrevista sobre eventos estressores na vida adulta no último ano	Eventos estressores recentes e histórias de adversidade vividas na infância elevaram o risco de perpetração da violência na relação conjugal.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
38 Hetzel-Riggin & Meads	2011	Estados Unidos	Compreender o impacto da vivência de abuso físico na infância e do testemunho de violência familiar, relacionando com os padrões de violência entre parceiros.	Expli-cativo	1677 universitários	- TLEQ (eventos traumáticos) - SCL-90-R (sintomas psicológicos) - WOC ( <i> coping</i> ) - PMWI (violência no relacionamento) - dados demográficos	Quanto mais severa a vitimização na infância, mais forte a associação com violência entre parceiros. Estratégias de <i> coping</i> mais efetivas foram diminuindo e estratégias de evitação do problema aumentaram conforme o aumento dos índices de violência. Considerando vitimização severa, a relação entre violência na infância e conjugal pareceu ser predita mais por estresse psicológico do que por estilo de <i> coping</i> .
39 Carvalho-Barreto et al.	2009	Brasil	Compreender a etiologia da violência de gênero a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.	Estudo teórico	-	-	Quatro fatores para compreensão da violência de gênero: pessoal (características biológicas e psicológicas); processual (interações interpessoais); contextual (rede de apoio social e cultura); e temporal (inter, intra e transgeracionalidade).
40 Lawson & Rivera	2008	Estados Unidos	Explorar diferenças entre homens abusadores em seus relacionamentos afetivos e suas histórias familiares.	Compa-rativo	100 participantes	- MMPI-2 (personalidade) - <i>Locke-Wallace Marital Adjustment Test</i> , - FACES III (coesão e adaptabilidade familiar)	Homens com características de personalidade anti-social e borderline apresentaram maior comportamento violento em relação às suas companheiras
41 Rhatigan, Stewart, & Moore	2011	Estados Unidos	Examinar os efeitos do gênero, da confrontação da vítima e das atribuições de culpa e responsabilidade na violência conjugal.	Expli-cativo	728 estudantes universitários do curso de psicologia	- perguntas fechadas sobre as atribuições de causalidade, responsabilidade e culpa sobre situações apresentadas em vinhetas - <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> - CTS2	Homens e mulheres atribuíram menos responsabilidade e culpa em relação à violência conjugal quando as mulheres eram as agressoras. Participantes que experienciaram abuso na infância atribuíram menos culpa e responsabilidade pelos atos violentos. Participantes em relacionamentos amorosos violentos tiveram tendência a atribuir culpa ao perpetrador.
42 Stickley, Timofeeva, & Sparen	2008	Rússia	Examinar os fatores de risco associados à violência contra a mulher.	Explo-ratório	78 mulheres, vítimas ou não de violência conjugal	- CTS - perguntas fechadas sobre fatores sociais e psicológicos sobre ela e parceiro	Fatores que elevaram o risco para a ocorrência da violência conjugal foram: consumo de álcool pelo parceiro e sua exposição à violência do pai contra a mãe durante a infância.
43 Stenson & Meimer	2008	Suécia	Investigar as experiências de violência conjugal de mulheres profissionais da área da saúde.	Correla-cional	588 mulheres, profissionais da área da saúde de um hospital	- NorAQ (experiência pessoal de violência) - perguntas abertas e fechadas sobre a prática de cuidado com a mulher vítima	A violência conjugal foi reportada por 23,5% das mulheres e, o abuso na família de origem, por 22,1%. Experiência pessoal de violência não esteve associada à prática de cuidado à vítima, mas sim ao treinamento recebido sobre o tema.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delinea- mento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
44 Whiting, Simmons, Havens, Smith, & Oka	2009	Estados Unidos	Identificar a relação entre fatores pessoais e experimentação de violência conjugal na vida adulta.	Correlacional	590 participantes de pesquisa nacional, com experiência de abuso na infância e que estivessem em um relacionamento íntimo	- itens do CTS - questões fechadas sobre traços de personalidade e crenças sobre si - versão modificada do CIDI, obtendo diagnósticos baseados no DMS-III-R - variáveis sociodemográficas	As análises apontaram que baixa auto-estima, ocorrência passada de Transtorno de Estresse Pós-Traumático e dependência de álcool foram variáveis significativamente associadas à violência no relacionamento íntimo.
45 Vatnar & Bjorkly	2008	Noruega	Investigar a violência conjugal em mulheres vítimas, a partir de uma perspectiva interacional.	Descritivo	157 mulheres, com idade mínima de 18 anos, usuárias de serviços de proteção, por terem sido vítimas de violência conjugal	- entrevistas individuais, semi-estruturadas, incluindo questões demográficas, sobre características da ocorrência da violência conjugal e histórico de vitimização	A natureza e as características da violência conjugal apresentaram-se complexas e heterogêneas. Mais da metade das mulheres reportaram a possibilidade de prever a ocorrência de violência. O impacto do abuso de álcool e drogas foi pequeno. A vivência de abuso sexual e a exposição à violência interpaparental aumentaram significativamente o risco de vitimização em mais de um relacionamento amoroso
46 Banyard & Modecki	2006	Estados Unidos	Investigar variáveis relacionadas aos níveis do modelo ecológico com o cometimento de violência física ou abuso sexual entre parceiros	Correlacional	980 adolescentes, com idades entre 11 e 19 anos	- questões fechadas, baseadas em instrumentos, sobre a perpetração da violência no relacionamento e fatores de risco em nível individual, familiar e comunitário	Fatores individuais (incluindo uso de substância e baixa responsabilidade social), fatores familiares (como divórcio, baixa monitoração parental e baixo suporte social); variáveis da comunidade (como baixa adesão à escola e suporte da vizinhança) foram associados à perpetração da violência no relacionamento amoroso. Gênero e histórico de vitimização também foram variáveis com resultados significativos.
47 Brosi & Carolan	2006	Estados Unidos	Explorar as influências ecossistêmicas nas respostas dos terapeutas à violência conjugal.	Exploratório	7 terapeutas em processo de formação em terapia de casais e família	- entrevistas individuais, semi-estruturadas, com questões abertas	Resaltou-se que as vivências na família de origem, experiência clínica e o processo de desenvolvimento como terapeuta afetam os valores, as crenças e as respostas clínicas em casos de pacientes envolvidos em violência conjugal.
48 McKenry, Serovich, Mason, & Mosack	2006	Estados Unidos	Investigar a violência entre parceiros do mesmo sexo em grupos de homossexuais masculinos e femininos	Comparativo	77 homens e mulheres homossexuais	- fatores individuais (PAQ, <i>Relationship Style Questionnaire</i> , BSI, <i>Self-esteem Scale</i> , SMAST, <i>Internalized Homophobia Scale</i> ); família de origem (CTS2, CTSPC, <i>Homophobia Scale Two-Factor Index of Social Position</i> , PSS-Fr e PSS-Fa) e relacionamento íntimo ( <i>Kansas Marital Satisfaction Scale</i> , FILE, <i>Interpersonal Dependency Inventory</i> , PMWI, escala de diferenças de <i>status</i> do casal, CTS2)	As maiores diferenças encontradas entre o grupo de agressores e não-agressores foram relativas aos fatores individuais, correspondentes, para agressores, às percepções de papéis de gênero, ao apego e às condições socioeconômicas; e, surpreendentemente, sintomas patológicos e uso de álcool, para não-agressores.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delineamento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
49 Von Eye & Bogat	2006	Estados Unidos	Examinar as relações entre renda, depressão, bem-estar social e violência conjugal.	Longitudinal	206 mulheres durante o período da gestação	- questões sobre renda, benefício social e violência conjugal - BDI	As análises sugeriram que apenas a violência conjugal foi preditora do desenvolvimento e nível de depressão durante o período estudado.
50 Finkel	2007	Estados Unidos	Propor um modelo para a investigação de como as interações não violentas entre parceiros podem progredir para a violência conjugal.	Estudo teórico			O modelo teórico oferecido compreende como as interações não violentas entre parceiros íntimos podem progredir para a violência conjugal. Há influência de tendências que incitam ou inibem a ação violenta, divididas em fatores culturais e demográficos, disposições individuais, características relacionais e situacionais.
51 Hughes, Stuart, Gordon, & Moore	2007	Estados Unidos	Explorar os fatores de risco que podem levar a mulher a utilizar a agressão física nos seus relacionamentos.	Correlacional	103 mulheres presas por violência doméstica e sentenciadas a participar de programas de intervenção	- CTS2 - PTSD (sintomas pós-traumáticos) - BPD (características de personalidade borderline) - CTSPC - <i>Family of Origin Violence Questionnaire</i>	A agressão conjugal esteve associada à experiência de violência na família de origem, características de personalidade borderline e uso de violência pelos parceiros. Sintomas de TEPT se relacionaram negativamente com a agressão. A relação entre violência na família de origem e o uso de táticas de resolução de conflitos que envolvem agressão física foi mediada por características borderline.
52 Keenan-Miller, Hammen, & Brennan	2007	Austrália	Examinar os fatores de risco psicossociais como preditores da violência conjugal.	Longitudinal	610 adultos jovens, filhos de mães deprimidas	- SCID - K-SADS-E (depressão na juventude) - entrevista semiestruturada sobre relacionamentos aos 15 anos - perguntas fechadas sobre violência no relacionamento íntimo aos 20 anos	Histórico de depressão materna e depressão na juventude, assim como fatores de risco psicossociais na juventude, foram preditores da violência conjugal. Homens e mulheres relataram a mesma possibilidade de autoria da violência na relação conjugal, embora as mulheres tenham relatado terem sido mais vítimas do que os homens.
53 Walsh et al.	2007	Canadá	Explorar as interconexões entre violência sofrida na vida e experiências de idosos marginalizados.	Exploratório	77 idosos e 44 cuidadores de idosos formais e informais	- grupos focais	Os resultados apontaram quatro temas que descrevem as interconexões entre os tipos de abuso: ciclo de abuso intergeracional; violência durante a vida; exposição a múltiplos tipos de abuso na velhice; violência contra o idoso como continuidade da violência conjugal.
54 Ehrensaft	2008	Estados Unidos	Descrever uma abordagem emergente para entender a violência conjugal, em contraste com teorias de gênero.	Estudo teórico	-	-	Apresentou-se uma proposta de abordagem desenvolvimental para compreensão da violência conjugal, ressaltando os riscos familiares para este fenômeno, assim como para o comportamento antissocial na juventude e instalação de patologias da personalidade.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delinea- mento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
55 Gil-Gonzalez, Vives-Cases, Ruiz, Carrasco-Portiño, & Álvarez-Darded	2008	Espanha	Revisar a literatura sobre a associação da vitimização e testemunho da violência na família de origem, de ter um pai ausente ou rejeitador, com a ocorrência de violência conjugal.	Revisão de literatura	10 estudos	9 bases científicas, no período de 1960 a 2004, com descritores referentes à violência conjugal, mulheres vítimas de violência, violência familiar, experiências infantis de violência e exposição à violência na infância.	Todas as pesquisas encontraram a associação estudada. O instrumento CTS foi a principal ferramenta para medida de violência conjugal. Considerou-se que os problemas metodológicos dos artigos encontrados deveriam ser sanados para a obtenção de dados mais proveitosos. Os autores ponderam que evidências científicas sobre a etiologia da violência conjugal deveriam ser aumentadas, a fim de guiar os programas de prevenção de forma mais efetiva.
56 Lawson	2008	Estados Unidos	Examinar as diferenças entre agressores e não agressores conjugais, em relação ao apego, problemas interpessoais e família de origem.	Comparativo	163 homens em condicional por agressão conjugal ou por outros crimes não violentos	- <i>Adult Attachment Scale</i> - CTS - <i>Inventory of Interpersonal Problems</i> - FACES III - MCMI-III	Foi observado um aumento de apego seguro com proximidade e coesão familiar, relacionado com a diminuição da agressão psicológica, violência menor e severa. Apontou-se um aumento de problemas interpessoais relativos à hostilidade e dominância quando associados ao aumento da agressão psicológica e violência severa.
57 Lussier, Farrinton, & Moffitt	2009	Inglaterra	Identificar os fatores de risco na infância que possam contribuir para explicar e prever a violência conjugal na meia idade.	Longitudinal	202 homens em um relacionamento íntimo na meia-idade	- medidas de <i>déficit</i> neuropsicológico e ambiente familiar de risco na infância; - escalas de comportamento antissocial, durante a infância e adolescência; - CTS, respondido pelas parceiras, aos 48 anos de idade dos participantes.	Os resultados sugerem a presença de comportamento antissocial como fator de risco infantil que aumenta a probabilidade de envolvimento em violência conjugal, porém o papel deste fator foi modesto.
58 McPhedran	2009	Austrália	Revisar a literatura sobre o abuso animal no contexto de um lar violento.	Revisão de literatura			Observaram-se relações e divergências quanto ao abuso animal e a violência familiar. Destacam-se questões contextuais para o desenvolvimento tanto da crueldade com animais quanto outros comportamentos violentos.
59 Anderson	2010	Estados Unidos	Realizar uma revisão da literatura sobre a violência familiar na última década.	Revisão de literatura			Produções enfatizam vítimas da violência; fatores de risco e consequências, compreensão a partir de teorias de gênero, raça e classe; violência como variável preditora de padrões de formação e dissolução de relacionamentos.
60 Lawson, Brossart, & Shefferman	2010	Estados Unidos	Investigar os papéis de gênero em diferentes perfis clínicos de agressores conjugais.	Comparativo	121 homens em condicional por violência conjugal ou por outros crimes	- escalas do MMPI-2 - CTS - pergunta fechada sobre violência interparental na família de origem	Características marcantes de papéis estereotipados masculinos (como independência) e femininos (como insegurança) estiveram associadas à perpetração da violência conjugal em agressores com tendência antissocial e borderline.

Estudo	Ano	País	Objetivos	Delinea- mento	Participantes	Instrumentos	Principais resultados
61 Pinto et al.	2010	Estados Unidos	Revisar a literatura sobre quatro domínios de estudo dos processos biológicos relacionados à violência do casal.	Revisão de literatura	22 estudos	Busca nas bases MEDLINE, PsycINFO e PudMed, desde o início até janeiro de 2008, utilizando descritores de violência conjugal e quatro domínios: lesões cerebrais e neuropsicologia; psicofisiologia; neuroquímica, metabolismo e endocrinologia; genética.	A literatura apontou associações entre processos biológicos e a violência conjugal, porém são ressaltadas limitações metodológicas, tais como: amostras pequenas; resultados com pouca força estatística; não concordância entre os estudos para a determinação da violência conjugal e seu grau de severidade; não consideração dos dois parceiros; utilização de população clínica.
62 Teten et al.	2010	Estados Unidos	Examinar agressão conjugal entre veteranos das guerras do Afeganistão e Iraque.	Comparativo	86 veteranos de guerra, com e sem Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT)	- dados demográficos e militares - CMDS (desejabilidade social) - CTS2 - informações sobre depressão, abuso de substâncias e lesão cerebral	Os veteranos do Afeganistão e Iraque com TEPT apresentaram maior probabilidade de cometer a agressão contra a parceira.

A partir da tabela, pode-se verificar que os estudos foram realizados com os objetivos principais de: (a) analisar as experiências de violência na família de origem como preditoras de violência conjugal (48,5%); (b) compreender a violência de gênero/violência contra a mulher (10,3%); (c) investigar a prevalência de violência nos relacionamentos amorosos (8,8%); (d) investigar a associação entre violência conjugal e uso de substâncias (2,9%) e (e) Outros (29,5%).

Trinta e três artigos investigaram a história familiar como fator predisponente a práticas de violência conjugal na idade adulta, em suas diferentes formas de expressão. A maioria dos estudos constatou que ter vivenciado, como vítima ou como testemunha, violência intrafamiliar na infância constitui-se em fator de risco para o envolvimento em contexto conjugal violento na vida adulta (Alexander, 2009, 2011; Askeland et al., 2011; Boyle et al., 2008; Buchbinder & Goldblatt, 2011; Casanueva et al., 2010; Conradi et al., 2009; Cort et al., 2011; Fang & Corso, 2007, 2008; D. M. Fergusson et al., 2006; Fite et al., 2008; Godbout et al., 2009; Gover et al., 2008; Gover et al., 2011; Hetzel-Riggin & Meads, 2011; Jin et al., 2007; Kerley et al., 2010; Kernsmith, 2006; Koenig et al., 2006; Milner et al., 2010; Murrell et al., 2007; Pournaghash-

-Tehrani & Feizabadi, 2009; Roberts et al., 2011; Wang et al., 2008; Wareham et al., 2009; Weisbart et al., 2008). Além desses estudos que buscaram associações entre violência conjugal e história de violência na família de origem, pesquisas com objetivos semelhantes foram realizadas em diferentes contextos para identificar a mesma associação em relações amorosas na fase de namoro. Os resultados não diferiram, já que ter experienciado violência interparental como vítima ou como testemunha apresenta-se como preditor de envolvimento em relacionamentos afetivos violentos também nessa etapa (Black et al., 2010; Clarey et al., 2010; Kim et al., 2009; Milletich et al., 2010). Uma das investigações também destaca que as experiências de violência na infância e a ocorrência de violência no namoro na adolescência podem ser aspectos preditores de violência conjugal, tanto em contextos de vitimização como de agressão, para homens e mulheres (Gómez, 2011).

A violência claramente identificada a partir de uma perspectiva de gênero foi abordada por 10,3% do total de artigos analisados, tendo sido salientado o papel das mulheres como vítimas e dos homens como agressores, perpetuando-se através da aprendizagem social e da estereotipia dos papéis feminino e masculino, através da qual maior poder é atribuído aos homens (Jaoko,



2010; Lawson & Rivera, 2008; Rhatigan et al., 2011; Stenson & Heimer, 2008; Stickley et al., 2008; Wareham et al., 2009). Um estudo aborda a violência de gênero, buscando compreendê-la de forma contextual e ecológica (Carvalho-Barreto et al., 2009).

Dentre os estudos de prevalência, constata-se que as taxas são divergentes, conforme revelam os estudos realizados em diferentes populações, podendo-se inferir sobre as implicações contextuais na definição do fenômeno. O Japão teve o estudo com menor índice, revelando que 17,7% das mulheres sofreram violência física e 8,49% violência sexual por parte dos parceiros (Yoshihima & Horrocks, 2010). Na direção oposta, o estudo que revelou maior prevalência foi realizado no Quênia, em contexto africano (Jaoko, 2010), onde 49,5% das mulheres indicaram alguma forma de violência por parte de seus companheiros afetivos (45,7% para violência física, 39,4% para emocional e 12,9% para sexual). Nesse sentido, ainda que tenham sido encontrados artigos dos cinco continentes, observa-se a importância de uma leitura contextual na compreensão do fenômeno.

A violência conjugal foi associada ao abuso de substâncias em dois estudos analisados tendo sido correlacionado somente no estudo com população masculina (Whiting et al., 2009) e não no estudo com mulheres vítimas de violência conjugal (Vatnar & Bjorkly, 2008).

Outros estudos foram identificados a partir dos descritores e apresentem aproximação temática ou teórica com a violência conjugal, tendo como objetivo: investigar variáveis relacionadas aos níveis do modelo ecológico com o cometimento de violência entre parceiros (Banyard & Modecki, 2006); explorar as influências ecossistêmicas nas respostas dos terapeutas para a violência conjugal (Brosi & Carolan, 2006); investigar a violência entre parceiros do mesmo sexo (McKenry et al., 2006); examinar as relações entre renda, depressão, bem-estar social e violência conjugal (Von Eye & Bogat, 2006); propor um modelo teórico para a investigação de como as interações não violentas entre parceiros podem progredir para a violência conjugal (Finkel, 2007); explorar os fatores de risco que podem levar a mulher a utilizar a agressão

física nos seus relacionamentos (Hughes et al., 2007); examinar os fatores de risco psicossociais como preditores da violência conjugal (Keenan-Miller et al., 2007); explorar as interconexões entre várias formas de violência sofridas na vida e experiências relatadas por idosos marginalizados (Walsh et al., 2007); descrever uma abordagem emergente para entender a violência conjugal, em contraste com teorias tradicionais que focam nas explicações da violência do homem contra a mulher (Ehrensaft, 2008); examinar as diferenças entre grupos de agressores conjugais com disfunção clínica e grupo de não agressores, em relação ao apego, problemas interpessoais e funcionamento da família de origem (Lawson, 2008); examinar o abuso animal no contexto de um lar abusivo (McPhedran, 2009); realizar uma revisão da literatura sobre a produção relacionada à violência familiar na última década (Anderson, 2010); revisar a literatura sobre quatro domínios de estudo dos processos biológicos relacionados à violência do casal (Pinto et al., 2010) e examinar agressão conjugal entre veteranos das guerras do Afeganistão e Iraque (Teten et al., 2010).

## Discussão dos Resultados

Considerando a temática da violência conjugal e experiências na família de origem, a partir das bases de dados pesquisadas, foi identificada a escassa produção científica ao redor do mundo, caracterizando-se por ser um tema ainda pouco estudado nos contextos científicos e acadêmicos. Os Estados Unidos lideraram as pesquisas na área, sendo responsável por 62,91% do total de estudos publicados e disponibilizados acerca do tema. A literatura nacional produziu conhecimento ínfimo, se comparado com outros países, sendo responsável por apenas 3,17% do total. A Austrália destacou-se com três produções, enquanto Brasil, Canadá e Noruega tiveram duas publicações cada. Os demais países produtores de conhecimento na temática da transmissão intergeracional da violência conjugal, se fizeram presente com um estudo cada, dentro do lapso de tempo determinado. Com isso, identificou-se a realização de pesquisa na temática em estudo nos cinco continentes.

O principal objetivo dos estudos analisados foi investigar as experiências de violência na família de origem como fator preditor de violência conjugal na vida adulta. A violência vivenciada na infância mostrou-se preditora, tanto na forma de testemunha da violência intrafamiliar quanto na forma de vitimização direta por violência parental, reforçando a importância do modelo familiar como aprendizagem para futuras gerações, conforme já confirmado pela literatura consolidada (Falcke et al., 2008; Koenig et al., 2006; Lamoglia & Minayo, 2009; Mendlowicz & Figueira, 2007; Paradis et al., 2009). Também foram salientados como fator de transmissão a naturalização da violência e as crenças acerca da violência contra a mulher. Fica evidente ainda, na análise dos dados de prevalência, a importância de uma análise contextual (Carvalho-Barreto et al., 2009) sobre os índices apresentados, que são divergentes em estudos realizados nos diferentes continentes.

Verifica-se, pela revisão sistemática realizada, que ainda é escassa a produção, especialmente nacional sobre a temática, o que pode ocorrer pela dificuldade em compreender a família como espaço, de alguma forma, gerador e perpetuador de violência, constituindo-se em um fator de risco à geração futura. Se a família definiria, a priori, um lugar psíquico de afeto, o estudo da violência como fenômeno transmitido pela família, seria uma questão paradoxal (Macedo, 1994), na medida em que lança luz sobre a possibilidade das relações violentas coexistirem com as afetivas.

No que se refere à metodologia mais amplamente utilizada, identificou-se a predominância de estudos quantitativos em detrimento de estudos teóricos, qualitativos e mistos. Pesquisas quantitativas foram responsáveis por 84,12% do total dos estudos acerca da temática da transmissão transgeracional da violência conjugal, sendo sucedidas por 11,12% de artigos teóricos, 4,76% de estudos qualitativos. Não foram identificadas produções com metodologia mista. Com isso, identifica-se que as pesquisas até então existentes mostram-se capazes de reconhecer o fenômeno, mas ainda são insipientes diante do universo a ser pesquisado, no que tange ao aprofundamento do tema e exploração descritiva dos processos

envolvidos na transmissão transgeracional da violência conjugal.

## Considerações Finais

O mapeamento dos estudos sobre violência conjugal e família de origem permitiu constatar a escassez de pesquisas sobre a temática, especialmente em contexto nacional, e a forte constatação da análise preditiva das experiências da família de origem na ocorrência de violência conjugal.

Como limitações do presente estudo salienta-se a eleição de um número limitado de bases de dados e utilização de descritores agrupados a fim de compor um conjunto mais aproximado de estudos conforme a temática. Mesmo assim, observou-se uma série de estudos com temáticas mais abrangentes, constituindo uma dificuldade de identificação do fenômeno.

Os resultados apontam para a necessidade de ampliação de estudos na área, especialmente de natureza qualitativa e mista, que possam descrever mais aprofundadamente o fenômeno da violência conjugal, em suas mais diversas formas de expressão e sua transmissão através das gerações. Nesse sentido, os dados obtidos reforçam a importância de ampliação de estudos investigativos que enfoquem a violência conjugal, como um fenômeno identificado através das gerações, para, com isso, subsidiar políticas públicas que possam auxiliar as famílias na interrupção do ciclo da violência. Que a teoria, em seus mais diversos olhares e perspectivas, possa ser capaz de sustentar práticas capazes de favorecer a família enquanto instituição promotora de saúde, proteção e resiliência através das gerações.

## Referências

- Alexander, P. C. (2009). Childhood trauma, attachment, and abuse by multiple partners. *Psychological Trauma-Theory Research Practice and Policy*, 1(1), 78-88. doi: 10.1037/a0015254
- Alexander, P. C. (2011). Childhood maltreatment, intimate partner violence, work interference and women's employment. *Journal of Family Violence*, 26, 255-261. doi: 10.1007/s10896-011-9361-9

- Anacona, C. A. R. (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana* (Bogotá), 26(2), 227-241. Recuperado em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=79926209>
- Anderson, K. L. (2010). Conflict, power, and violence in families. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 726-742. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00727.x
- Ansara, D. L., & Hindin, M. J. (2009). Perpetration of intimate partner aggression by men and women in the Philippines: Prevalence and associated factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(9), 1579-1590. doi: 10.1177/0886260508323660
- Askeland, R. I., Evang, A., & Heir, T. (2011). Association of violence against partner and former victim experiences: A sample of clients voluntarily attending therapy. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(6), 1095-1110. doi: 10.1177/0886260510368152
- Banyard, V. L., & Modecki, K. L. (2006). Interpersonal violence in adolescence: Ecological correlates of self-reported perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(10), 1314-1332. doi: 10.1177/0886260506291657
- Black, D. S., Sussman, S., & Unger, J. B. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: Witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1022-1042. doi: 10.1177/0886260509340539
- Boyle, D. J., O'Leary, K. D., Rosenbaum, A., & Hasset-Walker, C. (2008). Differentiating between generally and partner-only violent subgroups: Lifetime antisocial behavior, family of origin violence, and impulsivity. *Journal of Family Violence*, 23(1), 47-55. doi: 10.1007/s10896-007-9133-8
- Brosi, M., & Carolan, M. (2006). Therapist response to clients's partner abuse: Implications for training and development of marriage and family therapists. *Contemporary Family Therapy*, 28(1), 111-130. doi: 10.1007/s10591-006-9698-z
- Bruschì, A., Paula, C. S., & Bordin, I. A. S. (2006). Prevalência e procura de ajuda na violência conjugal física ao longo da vida. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 256-264. doi: 10.1590/S0034-89102006000200011
- Buchbinder, E., & Goldblatt, H. (2011). Shattered vision: Disenchantment of couplehood among female survivors of violence in their shadow of their family-of-origin experiences. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(5), 851-873. doi: 10.1177/0886260510365859
- Carvalho-Barreto, A., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C., & DeSouza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: Uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86-91. doi: 10.1590/S0102-79722009000100012
- Casanueva, C., Goldman-Fraser, J., Ringeisen, H., Lederman, C., Katz, L., & Osofsky, J. D. (2010). Maternal perceptions of temperament among infants and toddlers investigated for maltreatment: Implications for services need and referral. *Journal of Family Violence*, 25(6), 557-574. doi: 10.1007/s10896-010-9316-6
- Clarey, A., Hokoda, A., & Ulloa, E. (2010). Anger control and acceptance of violence as mediators in the relationship between exposure to interparental conflict and dating violence perpetration in Mexican adolescents. *Journal of Family Violence*, 25(7), 619-625. doi: 10.1007/s10896-010-9315-7
- Conradi, L., Geffner, R., Hamberger, L. K., & Lawson, G. (2009). An exploratory study of women as dominant aggressors of physical violence in their intimate relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 18(7), 718-738. doi: 10.1080/10926770903231718
- Cort, N. A., Toth, S. L., Cerulli, C., & Rogosh, F. (2011). Maternal intergenerational transmission of childhood multitype maltreatment. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 20(1), 19-38. doi: 10.1080/10926771.2011.537740
- Ehrensaft, M. K. (2008). Intimate partner violence: Persistence of myths and implications for intervention. *Children and Youth Services Review*, 30(3), 276-286. doi: 10.1016/j.childyouth.2007.10.005
- Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: A importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3, 83-97.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychotherapy*, 19(2), 170-186. doi: 10.1080/08975350801905020

- Fang, X., & Corso, P. S. (2007). Child maltreatment, youth violence, and intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine, 33*(4), 281-290. doi: 10.1016/j.amepre.2007.06.003
- Fang, X., & Corso, P. S. (2008). Gender differences in the connections between violence experienced as a child and perpetration of intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Family Violence, 23*(5), 303-313. doi: 10.1007/s10896-008-9152-0
- Fehringer, J. A., & Hindin, M. J. (2009). Like parent, like child: Intergenerational transmission of partner violence in Cebu, the Philippines. *Journal of Adolescent Health, 44*(4), 363-371. doi: 10.1016/j.jadohealth.2008.08.012
- Fergusson, C. J. (2011). Love is a battlefield: Risk factors and gender disparities for domestic violence among Mexican Americans. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 20*(2), 227-236. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.10.006
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2006). Examining the intergenerational transmission of violence in a New Zealand birth cohort. *Child Abuse and Neglect, 30*(2), 89-108. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.10.006
- Finkel, E. J. (2007). Impelling and inhibiting forces in the perpetration of intimate partner violence. *Journal of Family Psychology, 11*(2), 193-207. doi: 10.1037/1089-2680.11.2.193193
- Fite, J. E., Bates, J. E., Holtzworth-Munroe, A., Dodge, K. A., Nay, S. Y., & Pettit, G. S. (2008). Social information processing mediates the intergenerational transmission of aggressiveness in romantic relationships. *Journal of Family Psychology, 22*(3), 367-376. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.367
- Gil-Gonzalez, D., Vives-Cases, C., Ruiz, M. T., Carasco-Portiño, M., & Álvarez-Dardet, C. (2008). Childhood experiences of violence in perpetrators as a risk factor of intimate partner violence: A systematic review. *Journal of Public Health, 30*(1), 14-22. doi: 10.1093/pubmed/fdm071
- Godbout, N., Dutton, D. G., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2009). Early exposure to violence, domestic violence, attachment representations, and marital adjustment. *Personal Relationships, 16*(3), 365-384. doi: 10.1111/j.1475-6811.2009.01228.x
- Gómez, A. M. (2011). Testing the cycle of violence hypothesis: Child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. *Youth & Society, 43*(1), 171-192. doi: 10.1177/0044118X09358313
- Gover, A. R., Kaukinen, C., & Fox, K. A. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(12), 1667-1693. doi: 10.1177/0886260508314330
- Gover, A. R., Park, M., Tomsich, E. A., & Jennings, W. G. (2011). Dating violence perpetration and victimization among South Korean college students: A focus on gender and childhood maltreatment. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(6), 1232-1263. doi: 10.1177/0886260510368161
- Halford, K. W., Farrugia, C., Lizzio, A., & Wilson, K. (2010). Relationship aggression violence and self-regulation in Australian newlywed couples. *Australian Journal of Psychology, 62*(2), 82-92. doi: 10.1080/00049530902804169
- Hetzel-Riggan, M. D., & Meads, C. L. (2011). Childhood violence and adult partner maltreatment: The roles of coping style and psychological distress. *Journal of Family Violence, 26*, 585-593. doi: 10.1007/s10896-011-9395-z
- Hughes, F. M., Stuart, G. L., Gordon, K. C., & Moore, T. M. (2007). Predicting the use of aggressive conflict tactics in a sample of women arrested for domestic violence. *Journal of Social and Personal Relationships, 24*(2), 155-176. doi: 10.1177/0265407507075406
- Jaako, J. (2010). Correlates of wife abuse in the Maseno and Nairobi areas of Kenya. *International Social Work, 53*(1), 9-18. doi: 10.1177/0020872809348864
- Jin, X. C., Eagle, M., & Yoshioka, M. (2007). Early exposure to violence in the family of origin and positive attitudes towards marital violence: Chinese immigrant male batterers vs. controls. *Journal of Family Violence, 22*(4), 211-222. doi: 10.1007/s10896-007-9073-3
- Keenan-Miller, D., Hammen, C., & Brennan, P. (2007). Adolescent psychosocial risk factors for severe intimate partner violence in young adulthood. *Journal of Consulting & Clinical Psychology, 75*(3), 456-463. doi: 10.1037/0022-006X.75.3.456
- Kerley, K. R., Xu, X. H., Sirisunyaluck, B., & Alley, J. M. (2010). Exposure to family violence in childhood and intimate partner perpetration or victimization in adulthood: Exploring intergenerational transmission in urban Thailand.

- Journal of Family Violence*, 25(3), 337-347. doi: 10.1007/s10896-009-9295-7
- Kernsmith, P. (2006). Gender differences in the impact of family of origin violence on perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 21(2), 163-171. doi: 10.1007/s10896-005-9014-y
- Kim, K. L., Jackson, Y., Hunter, H. L., & Conrad, S. M. (2009). Interparental conflict and adolescent dating relationships: The role of perceived threat and self-blame appraisals. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(5), 844-865. doi: 10.1177/0886260508317187
- Koenig, M. A., Stephenson, R., Ahmed, S., Jejeebhoy, S. J., & Campbell, J. (2006). Individual and contextual determinants of domestic violence in North India. *American Journal of Public Health*, 96(1), 132-138. doi: 10.2105/AJPH.2004.050872
- Lamoglia, C. V. A., & Minayo, M. C. S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: Estudo em uma delegacia do interior do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 595-604. doi: 10.1590/S1413-81232009000200028
- Lawson, D. M. (2008). Attachment, interpersonal problems, and family of origin functioning: Differences between partner violent and nonpartner violent men. *Psychology of Men & Masculinity*, 9(2), 90-105. doi: 10.1037/1524-9220.9.2.90
- Lawson, D. M., Brossart, D. F., & Shefferman, L. W. (2010). Assessing gender role of partner-violent men using the Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 (MMPI-2): Comparing abuser types. *Professional Psychology-Research and Practice*, 41(3), 260-266. doi: 10.1037/a0019589
- Lawson, D. M., & Rivera, S. (2008). Male partner abusers' perceptions of family relationship functioning: A comparison of clinically derived abuser types. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17(1), 59-79. doi: 10.1080/10926770802250892
- Lussier, P., Farrington, D. P., & Moffitt, T. E. (2009). Is the antisocial child father of the abusive man? A 40-year prospective longitudinal study on the developmental antecedents of intimate partner violence. *Criminology*, 47(3), 741-780. doi: 10.1111/j.1745-9125.2009.00160.x
- Macedo, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: Um lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, 91, 62-68. Recuperado em <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Mason, T. L., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21(4), 233-243. doi: 10.1007/s10896-006-9020-8
- McPhedran, S. (2009). Animal abuse, family violence, and child wellbeing: A review. *Journal of Family Violence*, 24(1), 41-52. doi: 10.1007/s10896-008-9206-3
- Mendlowicz, M., & Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: O papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 88-89. doi: 10.1590/S1516-44462007000100023
- Milletich, R. J., Kelley, M. L., Doane, A. N., & Pearson, M. R. (2010). Exposure to interparental violence and childhood physical and emotional abuse as related to physical aggression in undergraduate dating relationships. *Journal of Family Violence*, 25(7), 627-637. doi: 10.1007/s10896-010-9319-3
- Milner, J. S., Thomsen, C. J., Crouch, J. L., Rabenhorst, M. M., Martens, P. M., Dyslin, C. W., ... Merrill, L. L. (2010). Do trauma symptoms mediate the relationship between childhood physical abuse and adult child abuse risk? *Child Abuse and Neglect*, 34(5), 332-344. doi: 10.1016/j.chiabu.2009.09.017
- Miranda, M. P. M., Paula, C. S., & Bordin, I. A. (2010). Violência conjugal física contra a mulher na vida: Prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 27(4), 300-308. doi: 10.1590/S1020-49892010000400009
- Murrell, A. R., Christoff, K. A., & Henning, K. R. (2007). Characteristics of domestic violence offenders: Associations with childhood exposure to violence. *Journal of Family Violence*, 22(7), 523-532. doi: 10.1007/s10896-007-9100-4
- Noll, J. G., Trickett, P. K., Harris, W. W., & Putnam, F. W. (2009). The cumulative burden borne by offspring whose mothers were sexually abused as children: Descriptive results from a Multigenerational Study. *Journal of*

- Interpersonal Violence*, 24(3), 424-449. doi: 10.1177/0886260508317194
- Paradis, A. D., Reinherz, H. Z., Giaconia, R. M., Beardslee, W. R., Ward, K., & Fitzmaurice, G. M. (2009). Long-term impact of family arguments and physical violence on adult functioning at age 30 years: Findings from the Simmons Longitudinal Study. *Journal of American Academic Child and Adolescence Psychiatry*, 48(3), 290-298. doi: 10.1097/CHI.0b013e3181948fdd
- Pinto, L. A., Sullivan, E. L., Rosenbaum, A., Wynn-garden, N., Umhau, J. C., Miller, M. W., & Taft, C. T. (2010). Biological correlates of intimate partner violence perpetration. *Agression and Violent Behaviour*, 15(5), 387-398. doi: 10.1016/j.avb.2010.07.001
- Pournaghash-Tehrani, S., & Feizabadi, Z. (2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*, 24(6), 417-422. doi: 10.1007/s10896-009-9245-4
- Renner, L. M., & Slack, K. S. (2006). Intimate partner violence and child maltreatment: Understanding intra- and intergenerational connections. *Child Abuse and Neglect*, 30(6), 599-617. doi: 10.1016/j.chiabu.2005.12.005
- Rhatigan, D. L., Stewrat, C., & Moore, T. M. (2011). Effects of gender and confrontation on attributions of femanl-perpetrated intimate partner violence. *Sex Roles*, 64, 875-887. doi: 10.1007/s11199-011-9951-2
- Roberts, A., McLaughlin, K. A., Conron, K. J., & Koenen, K. C. (2011). Adulthood stressors, history of childhood adversity, and risk of perpetration of intimate partner violence. *American Journal of Preventive Medicine*, 40(2), 128-138. doi: 10.1016/j.amepre.2010.10.016
- Rodriguez, E. M., Mendoza, M. R., Durand-Smith, A., Bermúdez, E. C., & Hernández, G. S. (2006). Experiencias de violencia física ejercida por la pareja en las mujeres en reclusión. *Salud Mental*, 29(002), 59-67. Recuperado em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=58222910>
- Stenson, K., & Heimer, G. (2008). Prevalence of experiences of partner violence among female health staff: Relevance to awareness and action when meeting abused women patients. *Women's Health Issues*, 18(2), 141-149. doi: 10.1016/j.whi.2007.12.003
- Stickley, A., Timofeeva, I., & Sparen, P. (2008). Risk factors for intimate partner violence against women in St. Petersburg, Russia. *Violence against Woman*, 14(4), 483-495. doi: 10.1177/1077801208314847
- Teten, A. L., Schumacher, J. A., Taft, C. T., Stanley, M. A., Kent, T. A., Bailey, S. D., ... White, D. L. (2010). Intimate partner aggression perpetrated and sustained by male Afghanistan, Iraq, and Vietnam veterans with and without posttraumatic stress disorder. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(9), 1612-1630. doi: 10.1177/0886260509354583
- Vatnar, S. K. B., & Bjorkly, S. (2008). An interactional perspective of intimate partner violence: An in-depth semi-structured interview of a representative sample of help-seeking women. *Journal of Family Violence*, 23(4), 265-279. doi: 10.1007/s10896-007-9150-7
- Vieira, E. M., Perdoná, G. S. C., & Santos, M. A. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45(4), 730-737. doi: 10.1590/S0034-89102011005000034
- Von Eye, A., & Bogat, G. A. (2006). Mental health in women experiencing intimate partner violence as the efficiency goal of social welfare functions. *International Journal of Social Welfare*, 15(1), S31-S40. doi: 10.1111/j.1468-2397.2006.00442.x
- Walsh, C. A., Ploeg, J., Lohfeld, L., Horne, J., MacMillan, H., & Lai, D. (2007). Violence across the lifespan: Interconnections among forms of abuse as described by marginalized Canadian elders and their care-givers. *British Journal of Social Work*, 37(3), 491-514. doi: 10.1093/bjsw/bcm022
- Wang, M., Horne, S. G., Holdford, R., & Henning, K. R. (2008). Family of origin violence predictors of IPV by two types of male offenders. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 17(2), 156-174. doi: 10.1080/10926770802355915
- Wareham, J., Boots, D. P., & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37(2), 163-173. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2009.02.011
- Weisbart, C. E., Thompson, R., Pelaez-Merrick, M., Kim, J., Wike, T., Briggs, E., ... Dubowitz, H. (2008). Child and adult victimization: Se-

- quelaes for female caregivers of high-risk children. *Child Maltreatment*, 13(3), 235-244. doi: 10.1177/1077559508318392
- Whiting, J. B., Simmons, L. A., Havens, J. R., Smith, D. B., & Oka, M. (2009). Intergenerational transmission of violence: The influence of self-appraisals, mental disorders and substance abuse. *Journal of Family Violence*, 24(8), 639-648. doi: 10.1007/s10896-009-9262-3
- Yoshihima, M., & Horrocks, J. (2010). Risk of intimate partner violence: Role of childhood sexual abuse and sexual initiation in women in Japan. *Children and Youth Services Review*, 32(1), 28-37. doi: 10.1016/j.chilyouth.2009.06.013
- Zanoti-Jeronymo, D. V., Zalesky, M., Pinsky, I., Caetano, R., Fliglie, N. B., & Laranjeira, R. (2009). Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(11), 2467-2479. doi: 10.1590/S0102-311X2009001100016

*Recebido: 23/09/2012*  
*1ª revisão: 03/12/2012*  
*Aceite final: 25/01/2013*